

RADHA BURNIER sobre a Natureza

O terceiro objetivo é a investigação das leis ocultas da Natureza e dos poderes latentes no ser humano. Todas as leis naturais representam uma expressão da inteligência divina. Aqueles que não a compreendem, que não entendem que são imutáveis e invioláveis, passam a enfrentar uma parede impenetrável, por assim dizer, e ferem-se a si próprios. O conhecimento das leis, por outro lado, constitui o poder para acelerar o progresso. Se não compreendemos como avança o grande fluxo da evolução, qual é o seu notável plano, somos conduzidos à insensatez e à vaidade. O mundo como um todo é vaidade, porque se pensamos que podemos trabalhar fora da lei, nós não tentamos compreendê-la. A lei da harmonia é talvez a mais importante, pois todas as demais leis podem ser uma expressão da magnífica harmonia do Universo.

Esse Objetivo implica estudo, não apenas da Natureza em sua manifestação exterior, mas da correlação de tudo, porque toda lei é uma expressão de inter-relações. Essas inter-relações são sutis e muitos pensam que nem mesmo existem. Porém, a compreensão de nós próprios está vinculada à compreensão das leis e das forças que operam por trás delas. Existem muitas dessas forças e muitas formas de inteligência operantes em toda a parte. Há uma hierarquia de inteligências, trabalhando pelo grande Plano. Qual é o nosso lugar em tudo isso? Podemos reivindicar um lugar que não esteja integrado no Plano ou almejar um lugar para nós próprios de acordo com nosso entendimento apenas? Será que teremos de abandonar nossas ideias e descobrir como viver de acordo com o Plano? Descobrir as respostas é o mesmo que tentar compreender o que são nossos poderes potenciais, quais as faculdades espirituais latentes na consciência humana e como elas podem ser desenvolvidas.

"A PROFANAÇÃO DOS ELEMENTOS" (*The Theososist*, 1987)

O respeito a tudo o que se refere à Natureza surge espontaneamente às pessoas que a olham com admiração. O índio americano amava a terra em que vivia, e não pensava em possuí-la ou explorá-la, embora, em pequena medida e de acordo com as suas necessidades, ele tenha retirado algo dela. Existem casos conhecidos de aborígenes australianos que, sentindo-se parte da terra e de seus elementos, instintivamente sabiam onde, sob as areais do deserto, a água podia ser encontrada. A atitude moderna para os elementos naturais são, pelo contrário, profanos. A ideia de conquista e utilidade substituiu o profundo sentimento de admiração e adoração que existia em relação a terra, às águas, às montanhas e aos fenômenos naturais de todo tipo. O resultado é que o homem está causando a si próprio danos infinitos. Em vez de adorar os rios e usar suas águas para purificar-se, ele os polui, com produtos químicos, esgoto, lixo nuclear e assim por diante. Palavras como Chernobyl, Bhopal e Reno adquiriram uma nova conotação, indicando desastres de diferentes tipos. Esforços para desviar rios, minar a terra e fazer uso ganancioso dos diferentes elementos trouxeram novos problemas e causaram sérios danos. A destruição indiscriminada das florestas é a causa de fomes desastrosas.

"VISÃO CLARA E VIDA SÃ" (*The Theosophist*, 1989)

Os seres humanos fazem parte do mundo da natureza, sua beleza, significado e relacionamentos sutis, porém, não sabemos disso, e essa é a nossa tragédia. Somos ensinados a acreditar que o "mundo" é o mundo que criamos e construímos; nossas construções, ferrovias, milagres eletrônicos, instituições políticas, estrutura social, guerras, divisões e assim por diante. Tudo isso é a sociedade humana, mas para a maioria das pessoas esse é o "mundo". Atualmente, para

milhões de pessoas que vivem em áreas urbanas, a natureza está fisicamente distante. Eles não conhecem nada, exceto as ruas, o barulho e os objetos artificiais. Mesmo as pessoas que vivem nas áreas rurais, no meio da Natureza, desconhecem, porque a pobreza as obriga a trabalhar de manhã até a noite. Devido à pobreza, para elas tudo é apenas objeto para obterem e usarem. Outros são tão condicionados a pensar que, o que é importante na vida é lutar e tornarem-se melhores do que eles são; prisioneiros de sua própria atividade egocêntrica desconhecem o mundo real.

“VISÃO CLARA E VIDA SÃ” (*The Theosophist*, 1989)

Raramente olhamos para uma planta, uma montanha ou um ser humano, mas quando o fazemos, o que vemos? Talvez imperfeitamente a forma, sem consciência da vida dentro dessa forma. Nossos pensamentos passados cristalizam-se em uma imagem ou conceito e projetam-se, entre a mente e a verdade, aquilo que pode ser encontrado em uma folha, em uma rocha, em um ser humano, em qualquer lugar. E, devido a interferência dos pensamentos, o objeto assume uma aparência diferente. O conteúdo subjetivo aparece como objeto e a projeção da mente como verdade. Somente quando a mente torna-se como um espelho, do qual Chuang Tzu falou, livre do pó, como mencionado em *A Voz do Silêncio*, é que ele vê. Enquanto a mente estiver carregada com conteúdo, na forma de reações, ideias, ideologia, julgamentos, análises e assim por diante, ela não pode, verdadeiramente, refletir. Portanto, a mente deve ser pura, livre, sem distorções, sem contradições, para ver claramente. E isso significa olhar para si mesmo. É pelo autoconhecimento, pela compreensão do que está acontecendo dentro da mente, é que surge a clareza. Então, a mente se torna mais livre e pura, e tem maior energia.